

SERMÃO 48

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O Prof. Burwash considera os cinco sermões – 48 a 52, inclusive, como um suplemento ao sistema de Ética Cristã de Wesley. Com razão podemos tê-los como a parte principal daquele sistema. Nunca houve um período de nossa história em que as doutrinas essenciais, ensinadas nestes cinco sermões, fossem mais apropriadas ao púlpito do que no presente. Iniciamos seu exame pelo sermão sobre “A Negação de Si mesmo”. Na infância duma nação, quando as superfluidades e os requintes da vida humana estão necessariamente ao alcance de poucos, o campo de exercício da negação de si mesmo, em relação às coisas temporais, é restrito. É verdade que a pobreza fornece uma disciplina suficientemente vasta ao exercício daquele dever; mas a aquisição de riquezas oferece outro campo diverso.

Deve-se observar que Wesley não tinha tendência para quaisquer teorias “socialista”. Ele ensinava com clareza e ênfase o direito da propriedade individual, mas sempre figurando o homem como despenseiro do Senhor. Wesley não reconhece ao Estado o direito à propriedade de toda a terra dum país, para ser administrada em benefício igual de todos, do preguiçoso e do diligente: ensinava a doutrina da operosidade, do trabalho para a aquisição dos bens temporais, mas estes devem conservar-se sujeitos às exigências da caridade em benefício dos enfermos, dos necessitados e dos inocentes ao desamparo. Para este fim, para que os homens tenham com que fazer o bem aos outros, devemos aprender a recusar a nós mesmos todas as coisas desnecessárias. Como perniciosas à saúde, algumas devem ser abolidas. Como provocadoras de orgulho pecaminoso e ostentação, outras devem ser afastadas. Como meio de exercício espiritual e educação, a negação de si mesmo ocupa um lugar importante em nossa vida cristã.

ESBOÇO DO SERMAO 48

A negação de si mesmo é um dever universal e pertence à própria essência da religião. Entretanto, são comuns alguns erros em relação à natureza, extensão ou necessidade dela. Algumas vezes ela se torna tão geral, que vem a ser indefinida, ou é levada a tais minúcias que não se pode aplicar a todos os homens.

I. A natureza da negação de si mesmo. Preconceitos antinomianos contra ela. É fundada sobre a supremacia da vontade de Deus: daí o aplicar-se até aos anjos dos céus. Mas, aplica-se ela especialmente ao homem, cuja vontade é por natureza avessa a Deus. A negação de si mesmo é a subordinação da vontade à vontade de Deus. O tomar nossa cruz vai mais longe, e não somente nega nossa vontade, mas suporta a provação positiva. As vezes suportamos a cruz que não queríamos voluntariamente tomar. Não é a tortura de nós mesmos, como a flagelação e outras práticas semelhantes; mas o abraçar a vontade de Deus conforme se revela em sua Palavra ou se manifesta em sua Providência.

II. A falta da negação de si mesmo é a causa comum que impede que o homem seja inteiramente discípulo de Cristo. O pecador convicto tem má vontade de negar-se a si mesmo em face do pecado; daí a perda de sua convicção ou, se esta permanece, ele não encontra paz. O filho de Deus negligencia o dever de renunciar a algum pecado agradável, e daí ofenda o Espírito Santo; ou deixa de tomar sua cruz, usando de todos os meios e dedicando-se inteiramente a Deus, disso resultando não chegar à perfeição.

III. Daqui aprendemos o erro dos que se opõem à negação de si mesmos, a causa do engano espiritual, a importância de tornar proeminente este dever cristão e o perigo de o negligenciar.

SERMÃO 48

A NEGAÇÃO DE SI MESMO

“E ele dizia a todos: se alguém quer vir após mim negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz siga-me”.

(Lucas 9.23)

1. COM freqüência tem-se imaginado que a exortação aí feita se refere principalmente, senão totalmente, aos apóstolos; pelo menos aos cristãos dos primeiros tempos, ou aos que estejam sob perseguição. Mas isto é um grave engano: porque, embora nosso bendito Senhor ali estivesse a dirigir a palavra mais imediatamente a seus apóstolos e aos outros discípulos que o seguiam nos dias de sua carne, todavia, através destes, Jesus nos falava e a toda a humanidade, sem qualquer exceção ou limitação. A própria natureza do assunto coloca fora de dúvida que o que aí se prescreve não é privilégio dos apóstolos e discípulos, nem dos cristãos das eras primitivas. Esse ensino não se refere mais diretamente a qualquer classe especial de homens ou a qualquer época especial, do que a qualquer nação em particular. Não: ele é da mais universal natureza, referindo-se a todos os tempos, a todas as pessoas, sim, a todas as coisas; essas palavras não são meramente comida e bebida, ou coisas que pertençam aos sentidos. A significação do texto é: “Se algum homem”, de qualquer categoria, posição, circunstância, em qualquer nação, em qualquer época do mundo, “quiser” efetivamente “vir após mim, negue-se a si mesmo” em todas as coisas; “tome sobre si a sua cruz”, qualquer que seja sua espécie; sim, e isto “diariamente; e siga-me”.

2. A *negação* de nós mesmos, o *tomar nossa cruz*, na extensão integral da palavra, não é coisa de importância secundária: não é apenas um acessório, como o são alguns elementos circunstanciais da religião; mas é absoluta, indispensavelmente necessário, quer para que nos tornemos discípulos de Cristo, quer para que nos conservemos nesta condição. É absolutamente necessário, pela própria natureza do caso, para que o acompanhemos e o sigamos; tanto mais que, se não procedermos assim, não seremos seus discípulos. Se continuamente não negamos a nós mesmos, não aprendemos dele, mas de outros mestres. Se não tomamos diariamente a nossa cruz, não o seguimos,

mas acompanhamos o mundo, ou o príncipe deste mundo, ou nossa própria mente carnal. Se não andamos pelo caminho da cruz, não estamos seguindo-o; não estamos andando em suas pegadas; mas estamos retrocedendo, ou, pelo menos, retardando-nos na jornada.

3. É por esta razão que, em quase todas as épocas e nações, em especial depois que a Igreja, depurada das inovações e corrupções, nelas recaiu gradualmente, tantos ministros têm escrito e falado tão largamente acerca deste importante dever, tanto em público como em exortações particulares. Isso os levou a espalhar muitos tratados sobre o assunto, alguns em nosso país. Eles sabem, tanto pelos Oráculos de Deus como pelo testemunho de sua própria experiência, quão impossível será deixarmos de negar a nosso Mestre, a não ser que nos neguemos a nós mesmos; e quão vamente tentamos seguir Àquele que foi crucificado, sem que diariamente tomemos nossa própria cruz.

4. Mas, justamente esta consideração não torna razoável perguntar se, após tudo quanto já se disse e escreveu-se sobre a matéria, ainda há necessidade de dizer e escrever mais? Respondo: Há não pequeno número de pessoas, mesmo do povo que teme a Deus, que não tiveram oportunidade de ouvir o que se disse, ou de ler o que se escreveu sobre o assunto. E, talvez, se tivessem lido muito do que se tem escrito, não teriam tido grande proveito. Muitos dos que escreveram (e alguns deles compuseram grandes volumes), não parece terem entendido a questão. Seja que tivessem concepções imperfeitas quanto à sua verdadeira natureza (e neste caso jamais poderiam expô-la aos outros), seja que lhe desconhecem a devida extensão, não viram quão excessivamente amplo é este mandamento; ou não lhe sentiram a absoluta, a indispensável necessidade. Outros tratam dessa matéria de modo tão obscuro, tão embaraçado, tão intrincado, tão místico, como se tivessem a intenção de ocultá-la ao vulgo, e não o intuito de explicá-la aos leitores comuns. Outros falam admiravelmente bem, com grande clareza e vigor, da necessidade da negação de si mesmo; mas então ficam apenas nas generalidades, sem descer aos exemplos particulares, sendo, assim, de escasso proveito ao grosso da humanidade, aos homens de alcance e de educação triviais. E se alguns desceram às particularidades, fizeram-no somente em relação àquelas particularidades que não afetam a generalidade dos homens, porque raramente ou jamais ocorrem na vida comum, como o suportar prisões, ou torturas; como o abrir mão, em sentido literal, de suas casas, ou terras, de seus maridos ou esposas, dos filhos ou da própria vida; renúncias a que não somos chamados, nem possivelmente o seremos, a menos que Deus queira permitir que voltem os tempos da perseguição pública. Enquanto isto se dá, não conheço escritor de língua inglesa que tenha descrito a negação de si mesmo em termos claros e inteligíveis, de modo a manter-se ao nível dos entendimentos vulgares, aplicando a estes as escassas particularidades que diariamente ocorrem na vida comum. Um discurso dessa espécie ainda falta; e faltará ainda mais, porque em cada estágio da vida espiritual, embora haja grande variedade de troços particulares que se opõem a que alcancemos a graça ou nela crescamos, tudo se resolve, todavia, nestes troços gerais: não negarmos a nós mesmos ou não tomarmos nossa cruz.

Para suprir, de algum modo, a lacuna que existe, pretendo mostrar, primeiro, o que é para o homem o negar-se a si mesmo e o que é tomar sua cruz; e, em segundo lugar, que, se o homem não for discípulo de Cristo, isso se dará por falta daquelas disposições.

I

1. Tentarei mostrar, primeiro, o que é para o homem o “negar-se a si mesmo e tomar diariamente a sua cruz”. Este é o ponto que, dentre os demais, maior necessidade tem de ser considerado e compreendido profundamente, mesmo pelo motivo de ser, dentre todos, o mais combatido por numerosos e fortes inimigos. Toda nossa natureza deve certamente levantar-se contra isto, mesmo em sua própria defesa; o mundo e, conseqüentemente, os homens que tomam a natureza, e não a graça, por seu guia, aborrecem o próprio som desse enunciado. E o grande inimigo de nossas almas, bem conhecendo sua importância, não pode fazer outra coisa senão levantar todas as pedras contra aquela verdade. Mas isto não é tudo: mesmo os que de algum modo sacudiram de si o jugo do diabo; que experimentaram, especialmente nos últimos anos, a obra real da graça em seus corações, ainda não são amigos daquela grande doutrina do cristianismo, embora nela tão especialmente houvesse insistido seu Mestre. Alguns são tão profunda e totalmente ignorantes a seu respeito como se sobre ela não houvesse na Bíblia uma palavra sequer. Outros se encontram ainda mais longe, tendo-se penetrado inopinadamente de preconceitos contra ela. Tais preconceitos eles os receberam, parte de cristãos profanos, homens de suave falar e boa apresentação, a quem nada falta de piedade, exceto de poder; nada de religião, exceto de espírito, e parte dos que uma vez “provaram”, se e que não provam ainda, “os poderes do mundo vindouro”. Mas existe algum desses que nem pratica a negação de si mesmo, nem a recomenda aos outros? Estais pouco relacionados com a humanidade, se duvidais disto. Há comunidades inteiras que só não lhe declaram guerra. Para não irmos mais longe do que Londres: olhai para toda a corporação dos predestinarianos que, pela livre misericórdia de Deus, foram ultimamente chamados das trevas da natureza para a luz da fé. São eles modelos de negação de si mesmos? Quão poucos dentro eles professam mesmo praticá-la! Quão poucos dentre eles a recomendam, ou ficam satisfeitos com os que o fazem! Pelo contrário, não a apresentam constantemente sob as cores maiôs odiosas, como se aquilo fosse buscar “a salvação pelas obras” ou procurar “estabelecer nossa própria justiça”? E quão prontamente os antinomianos de todas as espécies, desde o adocicado morávio até o violento, vociferador energúmeno, reúnem-se a gritar, com sua tola, inexpressiva cantiga de *legalismo e pregação da lei!* Estais, portanto, em constante perigo de serdes acariciados, ameaçados ou

ridicularizados por causa desta importante doutrina do Evangelho, seja por parte dos falsos mestres, Ou da parte dos falsos irmãos (mais ou menos abusando da simplicidade do Evangelho), se não estiverdes profundamente firmados neste. Que fervorosa oração preceda, pois, acompanhe e siga o que ides agora ler, para que isto se inscreva em vosso coração pelo dedo de Deus, de modo que jamais aí se apague.

2. Mas, que é negação de si mesmo? Em que devemos negar-nos a nós mesmos? E de onde parte a necessidade de o fazermos? Respondo: a vontade de Deus é a suprema, inalterável regra para toda criatura inteligente, igualmente obrigando a todo anjo do céu e a todo homem na terra. Nem pode ser de outro modo: este é o resultado natural, necessário, da relação existente entre as criaturas e seu Criador. Se a vontade de Deus é, porém, nossa única regra de ação em todas as coisas, grandes e pequenas, segue-se, por consequência irrecusável, que não temos de fazer nossa própria vontade em coisa alguma. Vemos aí, pois, ao mesmo tempo, a natureza, assim como o fundamento e a razão de ser da negação de si mesmo: e a negação ou a recusa de seguir nossa própria vontade, pela convicção de que a vontade de Deus nos é a única regra de ação. E vemos a razão disto no fato de sermos criaturas; porque “éEle que nos fez, e não nós mesmos”.

3. Esta razão da negação de si mesmo deve prevalecer, mesmo em referência aos anjos de Deus, nos céus, e em relação ao homem, inocente e santo, como saiu das mãos de seu Criador. Mas uma razão ainda mais forte resulta da condição em que se encontram todos os homens, desde a queda. Todos nós agora somos “gerados em iniquidade, e em pecado nossa mãe nos concebeu”. Nossa natureza é por igual corrupta em cada um de seus poderes e em cada faculdade. E nossa vontade, igualmente depravada como o resto, está totalmente vendida para acariciar nossa corrupção natural. Por outro lado, é da vontade de Deus que resistimos àquela corrupção e a neutralizemos, não em algumas ocasiões ou em algumas coisas apenas, mas em todos os tempos e em todas as coisas. Aí está, portanto, um novo fundamento à constante e geral negação de si mesmo.

4. Para ilustrar um pouco mais o ponto em estudo, direi: a vontade de Deus é o caminho que leva diretamente a Ele. A vontade do homem, que uma vez correu paralelamente à vontade de Deus, é agora outro caminho, não somente diverso daquele, mas, em nosso estado presente, diametralmente oposto a ele: leva para mais longe de Deus. Se, portanto, andamos em um, devemos necessariamente deixar o outro. Não podemos andar em ambos. Na verdade, o homem de *coração débil e mãos fracas* pode trilhar os dois caminhos, um após outro. Mas não pode palmilhar simultaneamente os dois caminhos: não pode, a um só tempo, seguir sua própria vontade e seguir a vontade de Deus; deve escolher uma ou outra: negar a vontade de Deus para seguir a sua própria, ou, negando-se a si mesmo, seguir a vontade de Deus.

5. Ora, é incontestavelmente agradável, no presente, seguir nossa própria vontade, acariciando, em todas as oportunidades que se apresentem, a corrupção de nossa natureza: mas, seguindo-a em tudo, avançamos na perversão de nossa vontade; e, satisfazendo-a, aumentamos progressivamente a corrupção de nossa natureza. Assim, pela comida que seja agradável ao paladar, freqüentemente aumentamos a doença do corpo: ela gratifica o paladar mas exacerba os distúrbios; traz prazer, mas também traz a morte.

6. Em conjunto, pois, o negarmo-nos a nós mesmos é negar nossa própria vontade, onde ela não se ajuste à vontade de Deus; e a negação de nossa vontade deve abranger as coisas que mais agradáveis nos sejam. É negar a nós mesmos qualquer prazer que não decorra de Deus e não conduza a Ele; é, com efeito, recusarmo-nos a sair de nosso caminho, mesmo para a estrada deleitável e florida; recusarmos o que sabemos ser veneno mortífero, embora agradável ao paladar.

7. E cada um que pretenda seguir a Cristo, que pretenda ser seu real discípulo, deve não só negar-se a si mesmo, mas também “tomar sua cruz”. A cruz é uma coisa contrária à nossa vontade, alguma coisa que repugna à nossa natureza. Assim, tomar nossa cruz é algo mais do que a negação de nós mesmos: sobe um pouco mais alto e é uma exigência mais difícil que se impõe à carne e ao sangue, sendo mais fácil sacrificar o prazer do que suportar a dor.

8. Ora, correndo “a carreira que nos está proposta” segundo a vontade de Deus, com freqüência encontramos uma cruz erguida no caminho, isto é, alguma coisa que não é agradável, mas dolorosa; alguma coisa que é contrária à nossa vontade, que é repugnante à nossa natureza. Que se deve então fazer? A escolha é simples: ou tomarmos nossa cruz ou desviarmo-nos do caminho de Deus, “do santo mandamento que nos foi dado”, se acaso não pararmos ou não regressarmos à perdição eterna!

9. Para curar aquela corrupção, aquela enfermidade cruel que todo homem traz consigo para o mundo, comumente é necessário arrancar, por assim dizer, o olho direito, a mão direita - tão penosa se apresenta a obra a ser cumprida, ou o meio único de a cumprir; romper, suponhamos, com um desejo insensato, com uma afeição desordenada, ou separar-se do objeto dessa afeição, sem o que ela jamais será extirpada. No primeiro caso, a extirpação de tal desejo ou afeição, quando se tenha profundamente enraizado na alma, é geralmente semelhante a um golpe de espada sim, “como a divisão da alma e espírito. Juntas e medulas”. O Senhor então age sobre a alma como um fogo depurador, para queimar toda a sua escória. E isto é, na verdade, uma cruz; é essencialmente penoso; deve ser assim, pela sua própria natureza. A alma não pode ser dividida desse modo, não pode passar pelo fogo, sem que

sofra dor.

10. No último caso, os meios de curar a alma afetada de pecado, de curar o desejo insensato, a afeição desordenada, sempre são penosos, não por sua própria natureza, mas pela natureza da enfermidade. Assim, quando nosso Senhor disse ao moço rico: “Vai, vende tudo quanto tens e dá-o aos pobres” (bem sabendo que tal era o único meio de lhe curar a cobiça), o só pensamento disso lhe causou tão grande pena, que “ele se voltou triste”, escolhendo antes romper com sua esperança do céu do que com suas possessões terrenas. Esse era um fardo que ele não podia alijar de si, uma cruz que ele não queria tomar. E num caso ou noutro, todo seguidor de Cristo certamente terá necessidade de “tomar diariamente a sua cruz”.

11. O “tomar” pouco difere do “suportar sua cruz”. Precisamente se diz que suportamos “nossa cruz”, quando sofremos com humildade e resignação o que é posto sobre nós, sem escolha de nossa parte. Portanto, nós não tomamos propriamente “nossa cruz”, a não ser quando voluntariamente suportamos aquilo que estava a nosso alcance evitar; quando voluntariamente abraçamos a vontade de Deus, embora contrária à nossa; quando escolhemos o que é penoso, por ser a vontade de nosso sábio e gracioso Criador.

12. Importa, pois, a todo discípulo de Cristo, tomar sua cruz, assim como suportá-la. Na verdade, em um sentido, ela não é somente sua: é comum a ele e a muitos outros, visto que não há tentação que sobrevenha a um homem – ei., mh- aϵnqrwèpinov– “mas as que são comuns aos homens”, as que incidem sobre sua natureza comum e comum situação no presente mundo, e a elas se adaptam. Mas, noutro sentido, considerada com todas as suas circunstâncias, essa cruz é sua; é peculiar a si próprio; foi-lhe preparada por Deus; é-lhe dada por Deus, como um toque de seu amor. E se o homem a recebe como tal e, depois de usar dos meios que a sabedoria cristã aconselha para remover o fardo, porta-se como o barro nas mãos do oleiro, tudo é disposto e ordenado por Deus para seu bem, tanto em relação à sua qualidade, como acerca de sua quantidade e grau, sua duração e qualquer outra circunstância.

13. Em tudo isso podemos facilmente entrever nosso bendito Senhor agindo como Médico de nossas almas, não meramente “para seu prazer, mas para nosso proveito, para que sejamos participantes de sua santidade”. Se, sondando nossas feridas, Ele nos faz sofrer, fá-la apenas para as curar. Corta o que está putrefato ou arruinado, para preservar a parte sã. E se preferimos livremente a perda de um membro, antes que todo o corpo pereça, como não escolheríamos, em sentido figurado, cortar a mão direita, antes que toda a alma fosse lançada no inferno!

14. Vemos claramente, portanto, a natureza e o fundamento do tomar nossa cruz. Não implica em disciplinar-nos a nós; mesmos (como dizem alguns), não implica na literal flagelação de nossa própria carne, vestir tecido de crina, apertar cintos de ferro, ou usar de qualquer coisa que nos possa alterar a saúde do corpo (embora não saibamos que indulgência possa Deus ter para com os que assim procedem por involuntária ignorância) mas acatar a vontade de Deus, ainda que contrária à nossa própria vontade; escolher o remédio salutar, embora mais amargo; livremente aceitar a dor passageira, qualquer que seja sua espécie e grau, quando ela seja essencial ou acidentalmente necessária ao eterno prazer.

II

1. Mostrarei, em segundo lugar, que o fato de o homem não seguir inteiramente a Cristo, de não ser inteiramente seu discípulo, é sempre devido à falta de negação de si próprio e à recusa em tomar sua cruz. É verdade que isso pode ser devido, em parte, em alguns casos, à falta de meios de graça – à falta de ouvir a verdadeira Palavra de Deus pronunciada com poder; à falta dos sacramentos ou da camaradagem cristã. Mas onde nada disso falte, o grande tropeço armado ao recebimento da graça de Deus ou ao crescimento nela é sempre a falta de negação de nós mesmos e de tomarmos a nossa cruz.

2. Uns poucos exemplos tornarão isso claro. Um homem ouve a Palavra que é capaz de salvar-lhe a alma; ele se agrada com o que ouve, reconhece a verdade e sente-se um tanto tocado por ela; contudo ainda permanece “morto em delitos e pecados”, insensível e desacordado. Por que se dá isto? Porque ele não quer romper com seu pecado predileto, conquanto agora reconheça ser uma abominação ao Senhor. Vai ouvir, cheio de cobiça e de desejos impuros – e não quer abandonar essas coisas. Conseqüentemente, nenhuma Impressão profunda se faz sobre ele, visto que seu louco coração está endurecido, isto é, está ainda insensível e adormecido, porque não quer “negar-se a si mesmo”.

3. Suponhamos que ele comece a despertar do sono e seus olhos se descerrem em parte; por que estes tão prontamente se fecham de novo? Por que outra vez se abisma no sono da morte? Porque de novo cede a seu pecado querido; de novo sorve o agradável veneno. Por isso é impossível que qualquer impressão perdurável se produza em seu coração; isto é, o pecador reincide em sua fatal insensibilidade, porque não quer “negar-se a si mesmo”.

4. Mas este não é o caso em referência a todos. Temos muitos exemplos dos que, uma vez despertados, jamais dormem. As impressões, uma vez recebidas, não se dissipam: não são apenas profundas, mas perduráveis. E, todavia, muitos dentre esses não acharam o que buscavam: choram, e não são consolados. Ora, por que acontece

isto? Porque eles não “produzem frutos dignos de arrependimento”; porque, não dando atenção à graça que receberam, “não cessam de praticar o mal e não chegam a fazer o bem”. Não abandonam o pecado comodamente habitual, o pecado de sua constituição, de sua educação ou de sua profissão; ou deixam de fazer o bem que podem e sabem que devem fazer, em razão de alguma circunstância desagradável que o acompanha: isto é, não alcançam a fé, porque não querem “negar-se a si mesmos” ou “tomar sua cruz”.

5. Esse homem recebe, porém, “o dom celestial”; “prova os poderes do mundo vindouro”; vê “a luz da glória de Deus na face de Jesus Cristo”; “a paz que excede a todo entendimento” governa seu coração e mente; e o “amor de Deus foi derramado” nele “pelo Espírito Santo que lhe foi dado”: todavia, é agora fraco como qualquer outro homem. Outra vez apetece as coisas da terra e tem maior prazer nas coisas visíveis do que nas invisíveis; os olhos de seu entendimento outra vez se fecham, de modo que não pode “ver Aquele que é invisível”; seu amor se esfria e a paz de Deus não mais reina em seu coração. E nisto não há motivo de espanto, porque ele outra vez deu lugar ao diabo e entristeceu o Santo Espírito de Deus. Voltou-se novamente para a loucura, para algum pecado agradável, senão pela prática de algum ato exterior, ao menos no coração. Deu lugar ao orgulho, ou à ira, ou ao desejo, à voluntariedade ou à obstinação. Ou, não acendendo o dom de Deus que nele havia, deu lugar à indolência espiritual e não se conformará em “orar sempre e vigiar na oração com toda perseverança”: isto é, ele naufragou na fé, por falta de negar-se a si mesmo e de tomar a sua cruz diariamente.

6. Mas talvez não tenha ele naufragado na fé: possui ainda certa dose do Espírito de adoção, que continua a testificar com seu espírito ser ele filho de Deus. Entretanto, “não está marchando para a perfeição”; não está, como antes, faminto e se dento de justiça, suspirando por toda a imagem de Deus e pelo gozo dele, assim como a corça brama pelas torrentes de águas. Antes está cansado e abatido em seu espírito e, por assim dizer esvoaçando entre a vida e a morte. E por que está ele assim senão porque se esqueceu da Palavra de Deus – “Pelas obras; fé se aperfeiçoa”? Ele não usa de toda diligência no realizar as obras de Deus. Não “continua a insistir em oração”, tanto privada como pública, comungando, ouvindo, meditando, jejuando, conferindo as coisas religiosas. Se não negligencia totalmente algum daqueles meios, pelo menos deles não usa como podia. Ou não é zeloso de obras de caridade, assim como de obras de piedade. Não é misericordioso na medida de suas forças, com as qualificações completas que Deus concede. Não serve fervorosamente ao Senhor, fazendo o bem aos homens, de toda espécie e de todo grau que possa, a suas almas como a seus corpos. E por que não continua ele em oração? Porque em tempos de aridez ela lhe é penosa e desagradável. Não continua ouvindo em todas as oportunidades, porque o sono é doce; Ou porque faz frio, ou o tempo está carregado, ou chove. Mas por que não continua em obras de misericórdia? Porque não pode alimentar o faminto, ou vestir o nu, a não ser que comprima as despesas com seu próprio equipamento pessoal, ou use alimentos mais baratos e menos deleitáveis. Ao lado disso, a visita aos enfermos ou aos que se encontrem presos é encarada como a tarefa mais desagradável. E assim são as obras de misericórdia em sua maior parte, principalmente a exortação. Ele quereria admoestar a seu próximo; mas às vezes a vergonha, outras vezes o temor se interpõe: porque pode expor-se não somente ao ridículo, mas a inconveniências demasiadamente pesadas. Por essas e semelhantes considerações, omite uma ou muitas, senão todas, as obras de misericórdia e de piedade. Portanto, sua fé não se aperfeiçoa, nem pode crescer em graça; e isto porque não quer negar-se a si mesmo e tomar diariamente a sua cruz.

7. Segue-se que é manifestamente devido à falta de negação de si mesmo, ou de tomar sua cruz, que o homem não segue perfeitamente a seu Senhor, não é plenamente discípulo de Cristo. É devido a isto que o que está morto em pecados não desperta, embora soe a trombeta; que o que começa a despertar do sono não alcança convicção profunda ou perdurável; o que está profunda e solidamente convencido de pecado não atinge a remissão de seus pecados; que o que recebeu esse dom celestial não o conserva, mas naufraga na fé; e que outros, se não retrocedem para a perdição, ainda se mostram cansados e abatidos em seu espírito e não alcançam o alvo do prêmio de sua alta vocação de Deus em Cristo Jesus.

III

1. Quão facilmente podemos aprender daí que não conhecem as Escrituras, nem o poder de Deus, os que direta ou indiretamente, em público ou em particular, se opõem à doutrina da negação de si mesmo e do tomar diariamente a sua cruz! Quão totalmente ignoram esses homens uma centena de textos particulares, assim como o teor geral de todos os Oráculos de Deus! E quão inteiramente divorciados devem estar da verdadeira, genuína experiência religiosa; da maneira por que o Espírito Santo operou, e ainda opera até hoje, na alma dos homens! Podem falar, na verdade mui leviana e arrogantemente (fruto natural da ignorância), como se fossem os únicos homens que compreendem a Palavra de Deus ou a experiência de seus filhos: mas suas palavras são, em todo sentido, *palavras vãs*; eles foram pesados na balança e achados em falta.

2. Podemos aprender daí, em segundo lugar, a causa real que determina que não só muitas pessoas individualmente, mas ainda muitas corporações, que outrora se abrasavam e despediam lampejos, agora perderam sua luz e calor. Se eles não odeiam e combatem essa preciosa doutrina do Evangelho, pelo menos têm-na em conta de frivolidade. Se não dizem ousadamente: “Abnegationem omnem proculcamus, internecionidamus” – “Nós calcamo-la aos pés, votamo-la à destruição” todavia nem a apreciam segundo sua alta Importância, nem fazem

qualquer sacrifício em praticá-la. “Hanc mystici docent”, dizia aquele grande e mau homem: “Os escritores *místicos* ensinam a negação de si mesmos”. Não: os escritores *inspirados!* E Deus o ensina a toda alma que deseje ouvir a sua voz!

3. Podemos aprender daí, em terceiro lugar, que não é bastante ao ministro do Evangelho não se opor à doutrina da negação de si mesmo, nada dizer no tocante a ela. Nem pode ele cumprir seu dever dizendo algo a favor dessa doutrina. Se ele quiser, em verdade, estar limpo do sangue de todos os homens, deve falar dela freqüente e largamente; deve inculcar sua necessidade da maneira mais clara e mais forte; deve imprimir -la com toda sua força sobre todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares, impondo-a “linha por linha, linha por linha, preceito por preceito, preceito por preceito”: assim terá ele uma consciência livre de ofensa; assim salvará sua própria alma e as daqueles que o ouvirem.

4. Finalmente: aplique essa doutrina, cada um de vós, à sua própria alma. Medita sobre esta verdade quando estiveres em secreto: pondera-a em teu coração! Toma cuidado não só de a compreender inteiramente, mas de recordá-la até o fim de tua vida! Pede ao Forte a fortaleza para que possas tão depressa compreendê-la como iniciar sua prática. Não te retardes, mas pratica-a imediatamente, a partir desta mesma hora! Pratica-a universalmente, em cada uma das milhares de ocasiões que se te oferecem em todas as circunstâncias da vida Pratica-a diariamente, sem intermitências, desde a hora em que primeiro puseres a mão ao arado, e suporta-o até o fim, até que teu espírito volte para Deus!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 48

- P. 1. (§ 1). Que se tem com freqüência imaginado?
- P. 2. (§ 2). Que se diz ser coisa de não pequena importância?
- P. 3. (§ 3). Por que os ministros escreveram largamente sobre este assunto?
- P. 4. (§ 4). Que se diz da necessidade de escrever ainda sobre o mesmo assunto?
- P. 5. (I. 1). Que pretende o pregador mostrar, em primeiro lugar?
- P. 6. (I. 2). Como se define a negação de si mesmo? Que razão se dá para sua prática?
- P. 7. (I. 3). Que se diz da obrigação de a praticar. Mesmo em se tratando dos anjos?
- P. 8. (I. 4). Como se ilustra isso?
- P. 9. (I. 5). Que é uma prática agradável?
- P. 10. (I. 6). Que vem a ser então a negação de nós mesmos?
- P. 11. (I. 7). Que deve ainda fazer o seguidor de Cristo?
- P. 12. (I. 8). Que encontramos, no correr a carreira que nos está proposta?
- P. 13. (I. 9). Que é necessário à cura da corrupção?
- P. 14. (I. 10). Que meios sempre são penosos?
- P. 15. (I. 11). Quando propriamente se diz que tomamos nossa cruz?
- P. 16. (I. 12). Que deve todo discípulo fazer?
- P. 17. (I. 13). Que podemos nós facilmente depreender?
- P. 18. (I. 14). Em que implica o tomar nossa cruz? Que abusos dessa doutrina se apontam aí?
- P. 19. (II. 1). Que se mostra, em segundo lugar?
- P. 20. (II. 2). Que exemplos se mencionam aí?
- P. 21. (II. 3). Que pergunta se formula aí e como é respondida?
- P. 22. (II. 4). Este é o caso que se verifique com todos?
- P. 23. (II. 5). Que se diz do homem que foi uma vez iluminado?
- P. 24. (II. 6). Que se diz do crente claudicante?
- P. 25. (II. 7). Que falta sempre nos casos mencionados?
- P. 26. (III. 1). Que podemos aprender desse argumento?
- P. 27. (III. 2). Que podemos aprender, em segundo lugar?
- P. 28. (III. 3). Que podemos aprender, em terceiro lugar? Como podemos ser fiéis aos nossos deveres, quando não falamos acerca da negação de si mesmo, ainda que nos não oponhamos a ela?
- P. 29. (III. 4). Que exortação aí se faz? Como essa exortação vos leva a invocar do púlpito toda vossa experiência? Exortais aos outros e vos apresentais a vós mesmos como u-m exemplo?